

O Matadouro

Esteban Echeverría

Tradução de Natália Scalvenzi¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sobre o autor

Nasceu em 2 de setembro de 1805, na cidade de Buenos Aires, Argentina. Era filho da argentina María Espinosa e do espanhol José Domingo Echeverría. Completou sua educação na Europa e interessou-se pelas Letras, familiarizou-se com as tendências literárias e ideológicas da época, e, quando regressou a Buenos Aires, em 1830, introduziu na zona do Rio da Prata o romantismo literário. Publicou seus primeiros versos em jornais portenhos, em 1831, e, ao ano seguinte, em 1832, editou em forma de folheto *Elvira o la Novia del Plata*, considerada a primeira obra romântica em língua castelhana. Esteban Echeverría, além do mais importante poeta do primeiro período romântico no Rio da Prata, foi também quem utilizou a temática do índio e do deserto na manifestação poética, e é considerado o autor do primeiro conto argentino: *O Matadouro*. Faleceu em 19 de janeiro de 1851.

Sobre a obra

Mais do que relatar certos acontecimentos em um matadouro de Buenos Aires, Echeverría denuncia a situação política de seu país, situação essa marcada pela perseguição e violência perpetrada pelo grupo no poder contra os opositores. Assim, ao mesmo tempo em que o autor fala do matadouro como o lugar onde sacrificava-se o gado que alimentava uma pequena parte da população que tinha o privilégio de comer carne naquela cidade, naquela época, ele também refere-se ao seu país dividido politicamente entre federalistas e unitários. Pessoalmente, a leitura do conto me remeteu ao naturalismo de Aluísio de Azevedo, ainda que um naturalismo bem mais sangrento.

¹ Estudante de Bacharelado em Letras-Espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tradutora de espanhol e inglês. E-mail: nataliascalvenzi@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0363-938X>.

O Matadouro

Não começarei contando a minha história pela Arca de Noé nem pela genealogia de seus ascendentes, como costumavam fazer os antigos historiadores espanhóis da América que devem ser meus² protótipos. Tenho várias razões para não seguir esse exemplo, mas me calarei para não ser difuso. Direi somente que os acontecimentos de minha narração ocorreram nos anos de Cristo de 183... Estávamos, aliás, na quaresma, época em que falta carne em Buenos Aires porque a igreja, ao adotar o preceito de Epíteto, *sustine, abstine* (sofre, abstém), ordena vigília e abstinência aos estômagos dos fiéis, porque a carne é pecaminosa e, como diz o ditado, busca a carne. E, como a igreja tem, *ab initio* e por delegação direta de Deus, o império imaterial sobre as consciências e os estômagos — que de maneira nenhuma pertencem ao indivíduo —, nada mais justo e racional do que *vede* o mau.

Os fornecedores, por outro lado, bons federalistas³, e por isso mesmo bons católicos, sabendo que o povo de Buenos Aires possui uma docilidade singular para submeter-se a qualquer tipo de mandamento, trazem ao matadouro, somente em dias quaresmais, os novilhos necessários para o alimento das crianças e dos doentes dispensados da abstinência pela Bula⁴, e não com a intenção de irritar um ou outro herege — eles não faltam —, dispostos sempre a violar os mandamentos carnicieiros da igreja e a contaminar a sociedade com o mau exemplo.

Um dia, naquela época, uma chuva torrencial alagou tudo o que pôde. As ruas de entrada e saída da cidade ficaram submersas em lama. O rio Riachuelo, que banha o sul da província de Buenos Aires, transbordou e inundou de repente uma enorme avenida. Suas águas lamacentas fluíram majestosamente até os altos barrancos. O Plata⁵ crescia enraivecido e empurrava essas águas que procuravam seu canal. As fez correr agigantadas por sobre campos, aterros, bosques e cortiços até que se estenderam como um lago imenso por todas as planícies. A cidade foi cercada de norte a leste por um cinturão de

² (N.T.) Echeverría utiliza *nossos protótipos* ao falar dos antigos historiadores espanhóis da América, comunicando-se, é claro, com seus leitores hispanoamericanos. Mudei para *meus* para que haja uma diferenciação em relação aos leitores brasileiros.

³ (N.T.) Os federalistas — *los federales* — defendiam um sistema federal de governo, no qual as províncias da Argentina teriam grande autonomia em relação ao governo central. Eles acreditavam que as províncias deveriam ter poder para governar a si mesmas, respeitando suas próprias tradições e interesses locais. O líder mais conhecido dos federalistas argentinos foi Juan Manuel de Rosas. Faziam oposição aos unitários.

⁴ (N.T.) Documento oficial eclesiástico que, contendo um selo de autenticidade, pode ser expedido pelo papa, contendo ordens ou benefícios.

⁵ (N.T.) Mantive apenas o *Plata*, de Echeverría, em vez de colocar o nome completo ou traduzido do rio, para que o nível de familiaridade com a geografia da cidade também fosse mantido.

água e lama, e ao Sul por um pélagos esbranquiçado em cuja superfície boiavam à deriva uns barquinhos que pareciam lançar olhares atônitos na direção do horizonte, como se implorassem misericórdia ao Altíssimo. Era tudo como um novo e amargo dilúvio. Beatos e beatas gemiam com seus novenários e suas contínuas rezas. Os pregadores esbravejavam nos templos e faziam ranger os púlpitos com socos. Chegou o dia do Juízo Final, diziam, o fim do mundo está próximo. É a ira divina transbordando em forma de enchente. Ai de vocês, pecadores! Ai de vocês unitários⁶ ímpios que zombam da igreja, dos santos e não escutam com veneração a palavra dos ungidos do Senhor. Ai de vocês que não imploram misericórdia ao pé dos altares! Chegará a famigerada hora do vão ranger de dentes e das frenéticas imprecações. Suas impiedades, suas heresias, suas blasfêmias, seus crimes horrendos trouxeram à nossa Terra as pragas do Senhor. A justiça e o Deus da Federação os declarará malditos.

As pobres mulheres saíam sem fôlego, amontoadas, dos templos, culpando, naturalmente, os unitários.

A chuva continuava torrencial e a enchente piorava, confirmando o prognóstico dos pregadores. Os sinos começaram a tocar rogativas por ordem do fervoroso católico Restaurador, quem parecia não ter todas consigo. Os libertinos e incrédulos, isto é, os unitários, começaram a amedrontar-se ao ver tantas caras compungidas e ouvir tantos ruídos de imprecações. Falava-se já, como se já estivesse decidido, de uma procissão à qual toda a população deveria ir descalça e de cabeça descoberta, acompanhando o Altíssimo, levado sob o pálio pelo Bispo, até o barranco de Balcarce, onde milhares de vozes conjurando o demônio unitário da enchente deveriam implorar pela misericórdia divina.

Felizmente, ou melhor, desgraçadamente — pois a coisa teria sido interessante de se ver —, a cerimônia não se concretizou, porque, enquanto o Plata baixava, a enchente ia pouco a pouco fluindo por seu imenso leito sem necessidade de conjuros nem rezas.

O que originou minha história foi, principalmente, que, por causa da enchente, o matadouro da Convalescência ficou quinze dias sem ver uma única cabeça de gado e que, em um ou dois dias, todos os bois de quinteiros e aguadeiros foram consumidos no abastecimento da cidade. As pobres crianças e os doentes se alimentavam com ovos e galinhas, enquanto os gringos e os hereges bramavam pelo *beef-steak* e pelo churrasco. A abstinência de carne era geral pelo povoado, que nunca foi mais digno da bênção da igreja, e assim foi que choveram sobre ele milhões e milhões de indulgências plenárias. As galinhas custavam \$6, e os ovos, \$4. O peixe, caríssimo. Não houve, naqueles dias

⁶ (N.T.) Opositores aos federalistas.

quaresmais, promiscuidades nem excessos de gula. Em contrapartida, incontáveis almas alcançaram o céu e aconteceram coisas que parecem sonhadas.

No matadouro, não ficou nem sequer um rato vivo dos muitos milhares que ali tinham abrigo. Todos morreram de fome ou afogados em suas tocas pela incessante chuva. Uma multidão de negras catadoras de vísceras, como urubus, se espalharam pela cidade como tantas outras harpias prestes a devorar o que quer que fosse comestível. As gaiotas e os cachorros, seus principais rivais no matadouro, emigraram em busca de alimento animal. Uma porção de velhos doentes morreram por falta de caldo nutritivo. Porém, o acontecimento mais impressionante foi o falecimento quase repentino de uns quantos gringos hereges que cometeram o desacato de comer linguças, presunto e bacalhau até se fartarem. Foram parar no outro mundo para pagar o pecado cometido por tão abominável promiscuidade.

Alguns médicos opinaram que, se a escassez de carne continuasse, metade da população teria uma síncope pelo fato de que seus estômagos já estavam acostumados com o suco corroborante dela. Era notável o contraste desses tristes prognósticos da ciência com os anátemas lançados dos púlpitos pelos padres contra todo o tipo de nutrição animal e de promiscuidade naqueles dias destinados pela igreja ao jejum e à penitência. Originou-se, então, uma guerra intestina aos estômagos e às consciências, atizada pelo inexorável apetite e as não menos inexoráveis vociferações dos ministros da igreja, que, como é sabido, não se comprometem com nenhum vício que possa relaxá-los em relação a seus costumes católicos. A isso somava-se o estado de flatulência intestinal dos habitantes, produzido pelo peixe, pelos feijões e por outros alimentos um tanto indigestos.

Esta guerra se manifestava através de soluços e gritos descompassados na peroração dos sermões e também através de rumores e estrondos súbitos nas casas e ruas da cidade ou onde quer que se reunissem pessoas. Alarmou-se um tanto o governo, tão paternal quanto previdente, do Restaurador, acreditando que aqueles tumultos fossem de origem revolucionária e atribuindo-os aos mesmos selvagens unitários, cujas impiedades, segundo os pregadores federalistas, haviam despejado sobre o país a inundação da ira divina. Foram tomadas providências ativas; espalhou-se os esbirros do governo pela população e, por fim, este estando bem informado, promulgou um decreto tranquilizador das consciências e dos estômagos, encabeçado por um considerando muito sábio e piedoso para que, a qualquer custo e mesmo enfrentando água, levassem gado aos currais.

De fato, no décimo sexto dia da escassez, véspera do dia de Nossa Senhora das Dores, entrou a nado pelo passo de Burgos ao matadouro do Alto um lote de cinquenta novilhos gordos; coisa pouca, aliás, para uma população acostumada a consumir diariamente de 250 a 300, e cujo terço pelo menos gozaria do foro eclesiástico de se alimentar

de carne. Estranho que haja estômagos privilegiados e estômagos sujeitos a leis invioláveis e que a igreja tenha a chave dos estômagos!

Mas não é estranho, já que o diabo com a carne costuma se entranhar no corpo e que a igreja tem o poder de conjurá-lo: o caso é reduzir o homem a uma máquina cujo principal motor não seja sua vontade, mas sim a da igreja e a do governo. Talvez chegue o dia em que seja proibido respirar ar puro, passear e até conversar com um amigo sem permissão da autoridade competente. Assim era, mais ou menos, a feliz época de nossos beatos avós, infelizmente manchada pela Revolução de Maio⁷.

Seja como for, graças à notícia da providência governamental, os currais do Alto se encheram, apesar da lama, de açougueiros, catadores de vísceras e curiosos, que receberam com grandes gritos e aplausos os cinquenta novilhos destinados ao matadouro.

— Pequena, mas gorda! — exclamavam. — Viva a Federação! Viva o Restaurador!

Porque, como devem saber os leitores, naquela época, a Federação estava em todos os lugares, até mesmo entre as imundícies do matadouro, e não havia festa sem Restaurador assim como não há sermão sem Santo Agostinho. Contam que, ao ouvir tantos gritos desaforados, os últimos ratos que agonizavam de fome em suas tocas se reanimaram e começaram a correr desorientados, percebendo que voltavam àqueles lugares a alegria habitual e a algazarra precursora da abundância.

O primeiro novilho abatido foi dado inteiro de presente ao Restaurador, um bom apreciador do churrasco. Uma comissão de açougueiros foi oferecê-lo a ele em nome dos federalistas do matadouro, manifestando-lhe em viva-voz seu agradecimento pela providência acertada do governo, sua adesão ilimitada a ele e seu ódio profundo aos selvagens unitários, inimigos de Deus e dos homens. O Restaurador respondeu ao discurso reforçando o mesmo tema e concluiu a cerimônia com os correspondentes vivas e gritos dos espectadores e atores. É de se acreditar que o Restaurador tivesse permissão especial de sua ilustríssima para não se abster de carne, pois, sendo tão bom observador das leis, tão bom católico e tão fervoroso protetor da religião, não teria dado mau exemplo ao aceitar tal presente em dia santo.

Seguiu-se a matança e, em quinze minutos, quarenta e nove novilhos já estavam deitados na praia do matadouro, alguns esfolados, outros por esfolar. O espetáculo que

⁷ (N.T.) A Revolução de Maio foi uma série de eventos que ocorreram entre 18 e 25 de maio de 1810 na cidade de Buenos Aires, capital do Vice-Reino do Rio da Prata. Esta era uma colônia do Império Espanhol que incluía aproximadamente os territórios dos atuais países da Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. O resultado foi a remoção do vice-rei Baltasar Hidalgo de Cisneros e o estabelecimento de um governo local, a Primeira Junta. A Revolução de Maio foi a primeira revolta bem-sucedida no processo de independência da América do Sul.

então se apresentava era animado e pitoresco, embora reunisse tudo o que havia de horri-
velmente feio, imundo e disforme em uma pequena classe proletária peculiar do Río de la
Plata. Mas, para que o leitor possa percebê-lo assim que o olho bater, é preciso fazer um
esboço da localidade.

O matadouro da Convalescência ou do Alto, situado nas quintas ao Sul da cidade,
é uma grande praia em forma retangular localizada no final de duas ruas, uma das quais
termina ali e a outra se alonga na direção leste. Esta praia, com declive ao sul, é cortada
por uma vala cavada pela corrente das águas pluviais, cujas margens laterais mostram
inúmeras tocas de ratos e cujo leito, em tempo de chuva, recolhe todo o sangue seco ou
recente do matadouro. Na junção do ângulo reto em direção ao oeste, está o que chamam
de casinha, uma construção baixa, de três cômodos, estilo *mediagua*⁸, com um corredor
na frente que dá para a rua e um palanque para amarrar cavalos, atrás do qual há vários
currais de pau-a-pique, feitos com madeira de ñandubay⁹. Tais currais possuem portas
reforçadas para conter o gado.

Esses currais viram, no inverno, um verdadeiro lamaçal no qual os animais amon-
toados afundam até as axilas e ficam grudados, quase sem poder se movimentar. Na casi-
nha, é feita a arrecadação do imposto dos currais, são cobradas as multas por violação de
regras, e ali se elege o juiz do matadouro, uma figura importante, chefe dos açougueiros,
que exerce o poder supremo naquela pequena república por delegação do Restaurador
— é fácil imaginar que tipo de homem é necessário para o desempenho de tal cargo. A
casinha, no entanto, é uma construção tão chinfrim e insignificante que ninguém a notaria
nos currais se seu nome não estivesse associado ao do terrível juiz e se não se destacasse
em sua parede branca os seguintes dizeres em vermelho: “Viva a Federação”, “Viva o
Restaurador e a heroína dona Encarnación Ezcurra”, “Morte aos selvagens unitários”.
Dizeres muito significativos, símbolo da fé política e religiosa das pessoas do matadouro.

Mas alguns leitores talvez não saibam que a tal heroína é a falecida esposa do Res-
taurador, uma patrona muito querida pelos açougueiros, que, mesmo após sua morte, era
venerada como se estivesse viva, por suas virtudes cristãs e por seu heroísmo federalista
na revolução contra Balcarce. O caso é que, em um aniversário daquela memorável faça-
nha da Mazorca¹⁰, os açougueiros festejaram com um esplêndido banquete na casinha em
homenagem à heroína, banquete ao qual ela compareceu com sua filha e outras senhoras

⁸ (N.T.) Pequenas casas pré-fabricadas. Geralmente são construídas com ripas de madeira e habitadas emer-
gencialmente.

⁹ (N.T.) Árvore comum na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Paraguai e Uruguai.

¹⁰ (N.T.) *La Mazorca* foi uma organização parapolicial argentina do século XIX, associada a Juan Manuel
de Rosas.

federalistas, e que ali, na presença de uma grande multidão, ofereceu aos senhores açougueiros, em um brinde solene, seu patrocínio federalista, pelo qual eles a proclamaram entusiasmadamente patrona do matadouro, estampando seu nome nas paredes da casinha, onde ele permanecerá até que seja apagado pela mão do tempo.

A perspectiva do matadouro à distância era grotesca, cheia de animação. Quarenta e nove reses estavam estendidas sobre seus couros e cerca de duzentas pessoas pisoteavam aquele chão enlameado e regado com o sangue das artérias daqueles animais. Ao redor de cada rês via-se um grupo de figuras humanas de diferentes tons de pele e raças. A figura mais proeminente de cada grupo era o açougueiro, com a faca na mão, braço e peito nus, cabelo longo e desgrenhado, camisa e chiripá, e o rosto lambuzado de sangue. Às costas dele, agitavam-se, caracolando e acompanhando seus movimentos, um grupo de meninos, negras e mulatas catadoras de vísceras, cuja feiura lembrava as harpias das fábulas. Misturados a elas, alguns enormes mastins farejavam, rosnavam, grunhiam ou se atacavam por uma presa. Quarenta e tantas carroças cobertas com couro negro e pelado se alinhavam irregularmente ao longo da praia, e alguns cavaleiros, com o poncho enfiado e o laço, passavam por ali eretos ou reclinados sobre o pescoço dos cavalos. Lançavam um olhar indolente a um daqueles grupos animados, enquanto, mais acima, no ar, um enxame de gaivotas brancas-azuladas, que haviam retornado da migração devido ao cheiro da carne, rondavam o lugar, cobrindo com seus desafinados grasnidos todos os ruídos e vozes do matadouro e projetando uma sombra clara sobre aquele campo de horrível carnificina. Isso era o início da matança.

Mas, à medida que avançava, a perspectiva variava; os grupos se desfaziam, vinham a se formar tomando diversas posturas e se dispersavam correndo como se no meio deles tivesse caído uma bala perdida ou surgido o focinho de algum mastim enfurecido. Isso era porque o açougueiro esquartejava os bichos a machadadas, pendurava as partes nos ganchos de sua carroça, esfolava aqui, tirava a gordura ali, e, do meio da ralé que, à espreita, aguardava as vísceras, saía de vez em quando uma mão suja para dar uma facada na gordura ou em partes da rês, coisa que fazia o açougueiro explodir de raiva e também fazia seguir o borbulhar dos grupos — falatório e gritaria descompassada dos meninos.

— A tia aqui escondeu gordura nas tetas! — gritava um.

— E ele meteu nas cuecas! — replicava alguma negra.

— Negra bruxa, te manda daqui antes que eu te corte, tchê!¹¹

¹¹ (N.T.) Entendo o *che* argentino, como consta no texto original, mais como um vocativo, utilizado normalmente no início de uma frase para chamar a atenção de alguém. Seu uso em português, no Rio Grande do Sul, é um pouco diferente. É usado mais em finais de frase, sendo praticamente uma interjeição.

— Que foi que eu fiz, seu Juan? Não seja ruim. Eu só quero a barriga e as tripas.

— São pra essa bruxa: vá à m...

— Bruxa! Bruxa! — repetiram os meninos — Vai levar a gordura dos rins e o tongorí!¹² — e caíram sobre sua cabeça coágulos de sangue e enormes bolas de barro.

Em outro lugar, duas africanas arrastavam as estranhas de algum bicho. Ali, uma mulata se afastava com um novelo de tripas; de repente, escorregou em uma poça de sangue e caiu pesadamente, cobrindo com seu corpo a cobiçada presa. Acolá, viam-se 400 negras grudadas em fila, desfazendo sobre as saias o novelo e arrancando uma a uma as gordurinhas que a faca avarenta do açougueiro havia deixado na tripa como sobras. Outras, esvaziavam barrigas e bexigas e as enchiam com o ar de seus próprios pulmões para que, logo que elas secassem, pudessem enfiar nelas as vísceras.

Vários meninos, andando ou cavalgando, se batiam com bexigas ou jogavam bolas de carne uns nos outros, dissipando, com elas e sua algazarra, a nuvem de gaiivotas que, balançando no ar, celebrava aos gritos a matança. Ouviam-se frequentemente, apesar da proibição do Restaurador e da santidade do dia, palavras imundas e obscenas, e brados carregados de todo o cinismo bestial que caracteriza a ralé desses matadouros, coisas que os leitores não merecem saber.

De repente, caía um bofe ensanguentado sobre a cabeça de alguém, que passava para a de outro, até que algum mastim deformado o transformava em boa presa. Então, uma quadrilha de outros, espremendo-o, armava uma tremenda briga com rosnados e mordidas. Alguma tia velha saía furiosa perseguindo um menino que lhe havia lambuzado o rosto com sangue e, atendendo aos gritos e puteadas¹³ dele, os companheiros do rapaz a cercavam e a provocavam como cães ao touro, e faziam chover sobre ela pedaços de carne, bolas de esterco, rindo e gritando grosseiramente, até que o juiz mandava reestabelecer a ordem e o povo se dispersava pelo campo.

De um lado, dois meninos treinavam usar a faca, cortando e esbofeteando uns aos outros. De outro, quatro adolescentes resolviam a facadas quem ficaria com uma tripa gorda e um mondongo que haviam roubado de um açougueiro. Não longe dali, um grupo de cães magros, em abstinência forçada, empregava o mesmo método para decidir quem ficaria com um fígado envolto em barro. Esta é uma pequena amostra do modo bárbaro como se resolvem no país as questões e os direitos individuais e sociais. Enfim, a cena que se desenrolava no matadouro deveria ser vista, não escrita.

¹² (N.T.) Tripa ou artéria seca de vaca, muito dura, mas que, mesmo assim, se come. Usada também na confecção de cabos de faca, pés de mesa, etc.

¹³ (N.T.) Regionalismo do Rio Grande do Sul (derivado do espanhol): xingamentos.

Um animal havia ficado nos currais; tinha uma cerviz curta e larga, um olhar feroz e sobre seus órgãos genitais não havia consenso, pois ele tinha aparência de touro e de novilho. Havia chegado a sua hora. Dois laçadores a cavalo entraram no curral, em cujo entorno fervia a ralé a pé, a cavalo e montada sobre seus grossos paus. Formavam à porta o grupo mais grotesco e proeminente. Havia vários peões e laçadores a pé, com os braços nus e armados do certo laço. Tinham a cabeça coberta com um lenço vermelho, vestiam colete e chiripá também vermelhos, tendo às costas vários cavaleiros e espectadores de olhar escrutinador e ansioso.

O animal, já com os chifres enlaçados, berrava furioso, soltando espuma, e não havia demônio que o fizesse sair da pegajosa lama onde estava enfiado. Era impossível laçá-lo. Os meninos, pendurados nas forquilhas do curral, gritavam, instigavam em vão o bicho com mantas e lenços. Todos ouviam a barulheira de assobios, palmas e vozes agudas e roucas que compunha aquela singular orquestra.

As promiscuidades e as exclamações engraçadas e obscenas passavam de boca em boca, e cada um exibia espontaneamente sua inteligência e perspicácia, excitado pelo espetáculo ou provocado pelas chicotadas de alguma língua tagarela.

— Fi' da pu... no touro.

— Diacho de tourunos¹⁴ do interior¹⁵!

— Desgraça de tropeiro que nos dá gato em vez de lebre.

— É novilho, sim.

— Não vês que é touro velho?

— Não parece touro. Me mostra as b..., se tens coragem, c...o!¹⁶

— Está entre as pernas. Não consegues ver, amigo? Maiores que a cabeça do teu pau. Ou ficaste cego no caminho?

— Tua mãe deve ser mais cega, já que te pariu. Não vês que esse volume é barro?

— É teimoso e arisco como um unitário.

E, ao ouvirem essa mágica palavra, todos berraram em uníssono:

— Morram, selvagens unitários!

— Ao caolho, o inf...¹⁷

¹⁴ (N.T.) Regionalismo do Rio Grande do Sul, certamente originado do vocábulo em espanhol: Diz-se do boi mal castrado e que continua a procurar as vacas.

¹⁵ (N.T.) Texto original: *Al diablo los torunos del Azul*. Azul é uma cidade do interior da província de Buenos Aires. Não senti que seria relevante, para o leitor brasileiro, saber o nome da cidade, então deixei apenas *interior*.

¹⁶ (N.T.) Pelo contexto, imagino que, no texto original, a palavra oculta seja *cojones*, equivalente a *bolas* em português. A segunda palavra oculta, em espanhol, não tenho certeza de qual seja, mas, em português, creio que *cornos* pode ser uma ofensa que faz sentido, pela mesma inicial e mesma letra final — *c...o*.

¹⁷ (N.T.) “Ao caolho, o inf(erno)”. Original: “Para el tuerto, los h(ornos)”.

— Sim, ao caolho, que é homem com b... pra brigar com os unitários.

— Deem o matambre ao Matasiete, degolador de unitários! Viva Matasiete!

— Ao Matasiete o matambre!

— Lá vai! — gritou uma voz rouca, interrompendo aqueles desabafos de covardia feroz. — Lá vai o touro!

— Cuidado! Fechem a porta que ele vai furioso como o diabo!

E, de fato, o animal, acuado pelos gritos e, principalmente, por dois agulhões afiados que o feriam na cauda, sentindo frouxo o laço, investiu bufando contra a porta, lançando para ambos os lados um olhar avermelhado e fosfórico. O laçador deu um puxão, sentando em seu cavalo. Desamarrou o laço do chifre e um áspero zumbido cortou o ar. Ao mesmo tempo, viu-se rolar de uma forquilha do curral, como se um golpe de machado tivesse dividido ao meio a cabeça de uma criança, cujo tronco permaneceu imóvel sobre seu cavalo de pau, lançando por cada artéria um longo jato de sangue.

— O laço arrebentou! — gritaram uns — Lá vai o touro! — mas outros deslumbrados e atônitos calaram-se porque tudo foi como um relâmpago.

O grupo à porta dispersou-se um pouco. Metade se aglomerou ao redor da cabeça e do cadáver palpitante do rapaz degolado pelo laço, manifestando horror em seus rostos atônitos, enquanto a outra metade, composta por cavaleiros que não haviam visto a catástrofe, se dispersou em direções distintas atrás do touro, bradando:

— Lá vai o touro! Peguem!

— Laça, Siete Pêlos!

— Vai te pegar, Botija!

— Está possesso! Não fiquem na frente dele!

— Ânimo, homens!

— Já foi pra rua!

— Que o pegue o diabo!

O tumulto e a gritaria eram infernais. Várias negras catadoras de vísceras, que estavam sentadas em fila à beira do córrego, ao ouvirem a confusão, se refugiaram e se agacharam entre as barrigas e tripas que desenrolavam e desenredavam com a paciência de Penélope, o que sem dúvida as salvou, pois o animal, ao vê-las, soltou uma bufada assustadora, deu um salto para o lado e seguiu em frente, perseguido pelos cavaleiros. Dizem que uma delas se borrou de medo; outra rezou dez Salve-Rainhas em dois minutos, e duas prometeram a São Bento nunca mais voltar àqueles malditos currais e abandonar o ofício de catadoras. Não se sabe se cumpriram as promessas.

Enquanto isso, o touro corria em direção à cidade por uma longa e estreita rua que parte da ponta mais aguda do retângulo anteriormente descrito. Era uma rua cercada por um córrego e por cactos. Seu nome era “soles” por não ter mais que duas casas laterais, e em cujo centro alagado havia um pântano profundo que ia de uma vala à outra. Certo inglês, voltando de uma charqueada, atravessava tal pântano no momento, passo a passo em um cavalo um tanto arisco, e sem dúvida estava tão absorto em seus cálculos que não ouviu o grupo de cavaleiros nem a gritaria a não ser quando o touro avançou na direção do pântano. De repente, o cavalo se assustou, deu um salto para o lado e saiu correndo, deixando o pobre homem afundado até o peito no lamaçal. Este acidente, no entanto, não parou nem conteve a corrida dos perseguidores do touro. Pelo contrário, eles soltaram gargalhadas sarcásticas:

— O gringo se estrebuchou!

— Te levanta, gringo! — exclamaram, e cruzaram o pântano amassando seu miserável corpo sob os cascos embarrados de seus cavalos. O gringo saiu como pôde em direção à margem, mas com a aparência de um demônio tostado pelo fogo do inferno, e não com a de um homem branco e loiro. Mais adiante, sob os gritos de “Ó o touro! Ó o touro!”, quatro negras catadoras, que se retiravam com sua presa, mergulharam na vala cheia d’água, único refúgio que lhes restava.

O animal, por sua vez, depois de ter corrido cerca de 20 quadras em várias direções, assustando com sua presença todo e qualquer vivente, entrou pelo portão de uma quinta, onde encontrou sua perdição. Embora cansado, demonstrava vigor e um semblante furioso. Porém, estava cercado por um fosso profundo e uma cerca densa de pitas, e não havia escapatória. Em seguida, reuniram-se seus perseguidores, que estavam dispersos, e decidiram levá-lo em um engodo de bois para que pagasse por seu delito no mesmo lugar onde o havia cometido.

Uma hora após sua fuga, o touro estava de volta ao Matadouro, onde o pouco da rale que havia ficado não falava de outra coisa senão de suas façanhas. A aventura do gringo no pântano causava principalmente o riso e o sarcasmo. Do menino degolado pelo laço restava apenas uma poça de sangue: seu cadáver já estava no cemitério.

Em seguida, laçaram o animal pelos chifres. Ele saltava, resistindo e soltando bramidos roucos. Atiraram-lhe um, dois, três laços, mas sem sucesso. Quando lançaram o quarto, o bicho ficou preso por uma pata. Seu vigor e sua fúria redobraram; sua língua, estirando-se convulsivamente, espumava, seu nariz fumegava, seu olhar ardia.

— Esquartejem esse animal! — exclamou uma voz imperiosa.

Matasiete desceu imediatamente do cavalo, cortou-lhe o tendão com uma facada e, dando alguns passos ao redor dele com sua enorme adaga na mão, enterrou-a até o cabo na garganta do animal, mostrando-a em seguida fumegante e vermelha aos espectadores.

Jorrou uma torrente da ferida, o soberbo animal soltou alguns rugidos roucos, vacilou e caiu, sob os gritos da ralé que proclamava Matasiete vencedor e lhe atribuía como prêmio o matambre. Matasiete estendeu, orgulhoso, pela segunda vez, o braço e a faca ensanguentada e se agachou para esfolar o animal com outros companheiros.

Faltava resolver a dúvida sobre os órgãos genitais do morto, classificado provisoriamente como touro por sua indomável ferocidade. Porém, estavam todos tão cansados da longa tarefa que, por um momento, esqueceram a questão. De repente, uma voz rude exclamou:

— Aqui estão as bolas! — puxou a barriga do animal e mostrou aos espectadores dois enormes testículos, sinal inequívoco de sua dignidade de touro.

A risada e o falatório foram longos. Todos os incidentes infelizes puderam ser facilmente explicados. Um touro no Matadouro era algo muito raro, e até proibido. Aquele, segundo as regras da boa polícia, deveria ser jogado aos cães, mas havia tanta escassez de carne e o povo estava tão faminto que o senhor Juiz decidiu fazer vista grossa.

Em dois tempos, o maldito touro estava esfolado, esquartejado e pendurado em uma carroça. Matasiete colocou o matambre sob a sela de seu arreio e se preparava para partir. A matança foi concluída ao meio-dia e a pouca ralé que assistiu até o fim se retirava em grupos a pé e a cavalo, ou puxando algumas carroças carregadas de carne.

De repente, porém, um açougueiro gritou com a voz rouca:

— Lá vem um unitário!

E, ao ouvir essa palavra tão significativa, toda aquela ralé parou como se tivesse sido atingida por um choque súbito.

— Não veem a costeleta em forma de U? Não tem divisa no fraque nem luto no chapéu.

— Unitário infeliz.

— É um arrogante.

— Cavalga como um gringo.

— Levem ele à Mazorca.

— Tragam a tesoura!

— Deem-lhe uma sova.

— Seus coldres não estão pintados.

— Todos esses malditos unitários pintam como o diabo.

— Tu não podes com ele, Matasiete?

— Não?

— Sim.

Matasiete era um homem de poucas palavras e muita ação. Quando se tratava de violência, agilidade ou destreza com o machado, a faca ou o cavalo, não falava, mas agia. Tinha sido provocado: espetou a espora no cavalo e se lançou a galope em direção ao unitário.

Este era um jovem de cerca de 25 anos, de porte elegante e bem-apessoado, que, enquanto saíam em borbotões das bocas exaltadas aquelas exclamações anteriores, trotava em direção a Barracas, sem temer qualquer perigo. No entanto, ao perceber os olhares significativos daquele grupo de cães de matadouro, colocou mecanicamente a mão direita sobre os coldres de sua sela inglesa, quando uma pechada na lateral do cavalo de Matasiete o derrubou do seu, lançando-o de costas e sem poder se mover.

— Viva Matasiete! — exclamou toda aquela ralé, lançando-se sobre a vítima como abutres sobre os ossos de um boi devorado pelo tigre.

Atordado ainda, o jovem foi, lançando um olhar irado sobre aqueles homens ferozes, em direção ao seu cavalo, que permanecia imóvel não muito distante dali, buscando em suas pistolas o desagravo e a vingança. Matasiete, dando um salto, foi ao seu encontro e, com um forte braço, segurou-o pela gravata e o deitou no chão, ao mesmo tempo em que tirava a adaga da cintura e a levava à garganta dele.

Uma gargalhada alta e um novo “viva!” voltaram a dar a vitória a Matasiete.

— Que nobreza de alma! Que coragem a dos federalistas! Sempre em bando, jogando-se como abutres sobre a vítima inerte.

— Degola, Matasiete! — ele quis sacar as pistolas — Degola como degolou o touro.

— Unitário fanfarrão!

— Ele pede uma tosa.

— Tem um bom pescoço pr'um violino¹⁸.

— Toca o violino.

— É melhor tocar *La Resbalosa*¹⁹.

— Vamos ver — disse Matasiete e começou, sorrindo, a passar o fio de sua adaga pela garganta do caído, enquanto comprimia seu peito com o joelho esquerdo e, com a mão canhota, puxava seus cabelos.

¹⁸ (N.T.) Apenas uma curiosidade: Não sei o quão óbvia, para outros leitores, é a relação entre o pescoço humano e um violino, nesse contexto, mas eu demorei bastante para entender a metáfora: as veias do pescoço, saltadas pela tensão do momento, seriam as cordas e o fio da faca passando por elas, o arco. Me pareceu uma imagem tragicamente bonita.

¹⁹ (N.T.) O próprio Echeverría explica o que significa *La Resbalosa* mais adiante: Uma cantiga de imensa popularidade entre os federalistas.

— Não, não o degolem! — exclamou ao longe a voz imponente do Juiz do Matadouro, que se aproximava a cavalo.

— Levem ele pra casinha, pra casinha. Preparem a Mazorca e as tesouras. Morram, selvagens unitários! Viva o Restaurador das leis!

— Viva Matasiete!

“Morram! Viva!”, repetiram em coro os espectadores e, amarrando-o cotovelo com cotovelo, entre socos e puxões, entre brados e injúrias, prenderam o infeliz jovem no banco do tormento como os algozes prenderam Cristo.

A sala da casinha tinha no seu centro uma grande e robusta mesa da qual não saíam os copos de bebida e as cartas, exceto para dar lugar às execuções e torturas dos algozes federalistas do Matadouro. Notava-se também, em um canto, outra mesa pequena com material de escrita e um caderno de anotações, além de um conjunto de cadeiras, entre as quais se destacava uma poltrona com braços destinada ao Juiz. Um homem, aparentemente um soldado, sentado em uma delas, cantava, ao som de um violão, *La Resbalosa*, uma cantiga de imensa popularidade entre os federalistas, quando a ralé, chegando em massa ao corredor da casinha, empurrou o jovem unitário ao centro da sala.

— Agora, *La Resbalosa* é contigo — gritou um.

— Pede pro diabo levar a tua alma.

— Tá furioso como touro selvagem.

— O pau já vai amansar ele.

— Deem-lhe uma sova.

— Por enquanto, pau e tesoura.

— Depois, vela.

— Melhor a Mazorca.

— Calem-se e sentem-se! — exclamou o Juiz, jogando-se na poltrona.

Todos obedeceram, enquanto o jovem, de pé, encarando o Juiz, berrou com voz indignada:

— Algozes malditos! Que querem fazer comigo?

— Calma! — o Juiz sorriu — Não precisa ficar bravo. Já vais ver.

O jovem, de fato, estava fora de si de raiva. Todo o seu corpo parecia estar em convulsão: seu rosto pálido e arroxeadado, sua voz, seu lábio trêmulo, mostravam o movimento compulsivo de seu coração, a agitação de seus nervos. Seus olhos esfomeados pareciam sair das órbitas, seu cabelo negro e liso se erguia, eriçado. Seu pescoço nu e o peitilho da camisa deixavam entrever o palpitar violento de suas artérias e a respiração ofegante de seus pulmões.

— Estás tremendo? — perguntou-lhe o Juiz.

— De raiva, porque não posso te enforcar com minhas mãos.

— Tens força e coragem pra isso?

— Tenho de sobra pra ti, maldito!

— Vou buscar as tesouras de tosar meu cavalo. Tosem ele à moda dos federalistas

Dois homens o agarraram, um pelo braço, outro pela cabeça e, em um minuto, cortaram a costeleta que cobria toda a sua barba por baixo, sob risadas estrondosas dos espectadores.

— Muito bem — disse o Juiz. — Agora, um copo d'água pra que ele se refresque.

— Eu te faria beber um de fel, maldito.

Um negro baixinho colocou-se imediatamente diante dele com um copo d'água na mão. O jovem deu-lhe um pontapé no braço e o copo foi se estilhaçar no teto, espirrando água nos rostos surpresos dos espectadores.

— Esse é incorrigível.

— Já vamos domar ele.

— Silêncio — ordenou o Juiz. — Já estás barbeado à moda dos federalistas, só falta o bigode. Não esqueçam. Agora, vamos esclarecer as coisas.

— Por que não tens divisa?

— Porque não quero.

— Não sabes que é ordem do Restaurador?

— Ordens são pra vocês, escravos, não pra nós, homens livres.

— Os livres são levados à força.

— Sim, força e violência bestial. Essas são as suas armas, malditos! O lobo, o tigre e a pantera também são fortes como vocês. Deveriam andar de quatro como eles.

— Não temes que o tigre te despedace?

— Prefiro isso a que me arranquem, atado, uma por uma as tripas, como faz o corvo.

— Por que não tens o luto no chapéu pela heroína?

— Porque levo o luto no coração pela Pátria. Pela Pátria que vocês assassinaram, malditos!

— Não sabes que foi tudo obra do Restaurador?

— Foi tudo obra de vocês, escravos, pra honrar seu orgulho por seu senhor e pagar-lhe com vassalagem, malditos!

— Insolente! Estás bravo demais. Mandarei que te cortem a língua se escutar mais um pio.

— Abaixem as cuecas deste imbecil arrogante e, de rabo pelado, bem atado, deem-lhe pau sobre a mesa.

O Juiz mal gesticulou e quatro algozes salpicados de sangue suspenderam o jovem e o esticaram verticalmente sobre a mesa, comprimindo-lhe todos os membros.

— Me degolem antes de me pelarem, malditos canalhas!

Ataram-lhe um lenço na boca e começaram a puxar suas roupas. O jovem se encolhia, chutava, fazia os dentes rangerem. Seus membros ora assumiam a flexibilidade do junco, ora a dureza do ferro, e sua espinha dorsal era o eixo de um movimento semelhante ao de uma serpente. Gotas de suor deslizavam pelo seu rosto, grandes como pérolas; suas pupilas lançavam fogo, sua boca espumava, e as veias de seu pescoço e testa ficaram salientes sobre sua pele branca, cheias de sangue.

— Atem-no primeiro! — exclamou o Juiz.

— Está rugindo de raiva — articulou um algoz.

Então, amarraram suas pernas em ângulo aos quatro pés da mesa, virando seu corpo de bruços. Era preciso fazer a mesma operação com as mãos. Soltaram as ataduras que as comprimiam nas costas. Sentindo-as livres, o jovem, com um movimento brusco que pareceu esgotar toda a sua força e vitalidade, usou os braços para erguer-se, depois os joelhos, mas desabou imediatamente, murmurando:

— Me degolem antes de me pelarem, malditos canalhas.

Suas forças estavam esgotadas. Imediatamente ficou amarrado em cruz e começaram a tarefa de despi-lo. Em seguida, uma torrente de sangue jorrou borbulhando da boca e das narinas do jovem, começando a escorrer em jatos pelos dois lados da mesa. Os algozes ficaram imóveis e os espectadores, estupefatos.

— O selvagem unitário rebentou de raiva — disse um.

— Tinha um rio de sangue nas veias.

— Pobre diabo! Só queríamos nos divertir com ele e ele levou a coisa a sério demais — observou o Juiz, franzindo o cenho de tigre. — Temos que dar parte. Desatem-no e vamos.

Assentiram à ordem, trancaram a porta e, então, a ralé, que havia estado escondida atrás do cavalo do Juiz cabisbaixo e taciturno, se dispersou.

Os federalistas haviam concluído uma de suas inúmeras proezas.

Naquela época, os açougueiros degoladores do Matadouro eram os apóstolos que propagavam, com chibata e faca, a Federação Rosista, e não é difícil imaginar que tipo de Federação saía de suas cabeças e lâminas. Eles chamavam os “selvagens unitários” dessa maneira porque era uma gíria inventada pelo Restaurador, chefe da confraria. Usavam-

-na para descrever todo aquele que não era degolador, açougueiro, nem selvagem, nem ladrão; todo homem decente e de coração bom, todo patriota ilustrado amigo das luzes e da liberdade. E, pelo acontecimento anterior, pode-se ver claramente que o foco da Federação estava no Matadouro.²⁰

El Matadero

A pesar de que la mía es historia, no la empezaré por el arca de Noé y la genealogía de sus ascendientes como acostumbraban hacerlo los antiguos historiadores españoles de América que deben ser nuestros prototipos. Tengo muchas razones para no seguir ese ejemplo, las que callo por no ser difuso. Diré solamente que los sucesos de mi narración pasaban por los años de Cristo de 183... Estábamos, a más, en cuaresma, época en que escasea la carne en Buenos Aires, porque la Iglesia, adoptando el precepto de Epicteto, susține, abstine (sufre, abstente), ordena vigilia y abstinencia a los estómagos de los fieles, a causa de que la carne es pecaminosa, y, como dice el proverbio, busca a la carne. Y como la Iglesia tiene ab initio y por delegación directa de Dios el imperio inmaterial sobre las conciencias y estómagos, que en manera alguna pertenecen al individuo, nada más justo y racional que vede lo malo. Los abastecedores, por otra parte, buenos federales, y por lo mismo buenos católicos, sabiendo que el pueblo de Buenos Aires atesora una docilidad singular para someterse a toda especie de mandamiento, solo traen en días cuaresmales al matadero, los novillos necesarios para el sustento de los niños y de los enfermos dispensados de la abstinencia por la Bula, y no con el ánimo de que se harten algunos herejotes, que no faltan, dispuestos siempre a violar los mandamientos carnificinos de la Iglesia, y a contaminar la sociedad con el mal ejemplo.

Sucedió, pues, en aquel tiempo, una lluvia muy copiosa. Los caminos se anegaron; los pantanos se pusieron a nado y las calles de entrada y salida a la ciudad rebosaban en acuoso barro. Una tremenda avenida se precipitó de repente por el Riachuelo de Barracas, y extendió majestuosamente sus turbias aguas hasta el pie de las barrancas del Alto. El Plata, creciendo embravecido, empujó esas aguas que venían buscando su cauce y las hizo correr hinchadas por sobre campos, terraplenes, arboledas, caseríos, y extenderse como un lago inmenso por todas las bajas tierras. La ciudad, circunvalada del Norte al

²⁰ (N.T.) De maneira geral, usei a pontuação para dividir várias frases que me pareceram desnecessariamente longas e cansativas no texto original. Também utilizei alguns regionalismos do Rio Grande do Sul, principalmente nos diálogos, porque sinto que o sotaque Rioplatense tem muito a ver com o gaúcho (o meu), mesmo em línguas diferentes. Por exemplo: “dá-lhe uma sova”, “puteadas”, “vivente” e os verbos conjugados na segunda pessoa do singular (tu).

Este por una cintura de agua y barro, y al Sud por un piélago blanquecino en cuya superficie flotaban a la ventura algunos barquichuelos y negreaban las chimeneas y las copas de los árboles, echaba desde sus torres y barrancas atónitas miradas al horizonte como implorando misericordia al Altísimo. Parecía el amago de un nuevo diluvio. Los beatos y beatas gimoteaban haciendo novenarios y continuas plegarias. Los predicadores atornaban el templo y hacían crujir el púlpito a puñetazos. Es el día del juicio, decían, el fin del mundo está por venir. La cólera divina rebosando se derrama en inundación. ¡Ay de vosotros, pecadores! ¡Ay de vosotros, unitarios impíos que os mofáis de la Iglesia, de los santos, y no escucháis con veneración la palabra de los ungidos del Señor! ¡Ay de vosotros si no imploráis misericordia al pie de los altares! Llegará la hora tremenda del vano crujir de dientes y de las frenéticas imprecaciones. Vuestra impiedad, vuestras herejías, vuestras blasfemias, vuestros crímenes horrendos, han traído sobre nuestra tierra las plagas del Señor. La justicia y el Dios de la Federación os declarará malditos.

Las pobres mujeres salían sin aliento, anonadadas del templo, echando, como era natural, la culpa de aquella calamidad a los unitarios.

Continuaba, sin embargo, lloviendo a cántaros, y la inundación crecía acreditando el pronóstico de los predicadores. Las campanas comenzaron a tocar rogativas por orden del muy católico Restaurador, quien parece no las tenía todas consigo. Los libertinos, los incrédulos, es decir, los unitarios, empezaron a amedrentarse al ver tanta cara compungida, oír tanta batahola de imprecaciones. Se hablaba ya, como de cosa resuelta, de una procesión en que debía ir toda la población descalza y a cráneo descubierto, acompañando al Altísimo, llevado bajo palio por el Obispo, hasta la barranca de Balcarce, donde millares de voces conjurando al demonio unitario de la inundación, debían implorar la misericordia divina.

Feliz, o mejor, desgraciadamente, pues la cosa habría sido de verse, no tuvo efecto la ceremonia, porque bajando el Plata, la inundación se fue poco a poco escurriendo en su inmenso lecho sin necesidad de conjuras ni plegarias.

Lo que hace principalmente a mi historia es que por causa de la inundación estuvo quince días el matadero de la Convalecencia sin ver una sola cabeza vacuna, y que en uno o dos, todos los bueyes de quinteros y aguateros se consumieron en el abasto de la ciudad. Los pobres niños y enfermos se alimentaban con huevos y gallinas, y los gringos y herejotes bramaban por el beef-steak y el asado. La abstinencia de carne era general en el pueblo, que nunca se hizo más digno de la bendición de la Iglesia, y así fue que llovieron sobre él millones y millones de indulgencias plenarias. Las gallinas se pusieron a seis pesos y los huevos a cuatro reales, y el pescado carísimo. No hubo en aquellos días

cuaresmales promiscuaciones ni excesos de gula; pero en cambio se fueron derecho al cielo innumerables ánimas y acontecieron cosas que parecen soñadas.

No quedó en el matadero ni un solo ratón vivo de muchos millares que allí tenían albergue. Todos murieron de hambre o ahogados en sus cuevas por la incesante lluvia. Multitud de negras rebusconas de achuras, como los caranchos de presa, se desbandaron por la ciudad como otras tantas arpías prontas a devorar cuanto hallaran comible. Las gaviotas y los perros, inseparables rivales suyos en el matadero, emigraron en busca de alimento animal. Porción de viejos achacosos cayeron en consunción por falta de nutritivo caldo; pero lo más notable que sucedió fue el fallecimiento casi repentino de unos cuantos gringos herejes que cometieron el desacato de darse un hartazgo de chorizos de Extremadura, jamón y bacalao, y se fueron al otro mundo a pagar el pecado cometido por tan abominable promiscuación.

Algunos médicos opinaron que si la carencia de carne continuaba, medio pueblo caería en síncope por estar los estómagos acostumbrados a su corroborante jugo; y era de notar el contraste entre estos tristes pronósticos de la ciencia y los anatemas lanzados desde el púlpito por los reverendos padres contra toda clase de nutrición animal y de promiscuación en aquellos días destinados por la Iglesia al ayuno y la penitencia. Se originó de aquí una especie de guerra intestina entre los estómagos y las conciencias, atizada por el inexorable apetito y las no menos inexorables vociferaciones de los ministros de la Iglesia, quienes, como es su deber, no transigen con vicio alguno que tienda a relajar las costumbres católicas: a lo que se agregaba el estado de flatulencia intestinal de los habitantes, producido por el pescado y los porotos y otros alimentos algo indigestos.

Esta guerra se manifestaba por sollozos y gritos descompasados en la peroración de los sermones y por rumores y estruendos subitáneos en las casas y calles de la ciudad o donde quiera concurrían gentes. Alarmóse un tanto el gobierno, tan paternal como previsor, del Restaurador, creyendo aquellos tumultos de origen revolucionario y atribuyéndolos a los mismos salvajes unitarios, cuyas impiedades, según los predicadores federales, habían traído sobre el país la inundación de la cólera divina; tomó activas providencias, desparramó sus esbirros por la población, y por último, bien informado, promulgó un decreto tranquilizador de las conciencias y de los estómagos, encabezado por un considerando muy sabio y piadoso para que a todo trance, y arremetiendo por agua y todo, se trajese ganado a los corrales.

En efecto, el decimosexto día de la carestía, víspera del día de Dolores, entró a nado por el paso de Burgos al matadero del Alto una tropa de cincuenta novillos gordos; cosa poca por cierto para una población acostumbrada a consumir diariamente de dos-

cientos cincuenta a trescientos, y cuya tercera parte al menos gozaría del fuero eclesiástico de alimentarse con carne. ¡Cosa extraña que haya estómagos privilegiados y estómagos sujetos a leyes inviolables y que la Iglesia tenga la llave de los estómagos!

Pero no es extraño, supuesto que el diablo con la carne suele meterse en el cuerpo y que la Iglesia tiene el poder de conjurarlo: el caso es reducir al hombre a una máquina cuyo móvil principal no sea su voluntad sino la de la Iglesia y el gobierno. Quizá llegue el día en que sea prohibido respirar aire libre, pasearse y hasta conversar con un amigo, sin permiso de autoridad competente. Así era, poco más o menos, en los felices tiempos de nuestros beatos abuelos que por desgracia vino a turbar la revolución de Mayo.

Sea como fuera; a la noticia de la providencia gubernativa, los corrales del Alto se llenaron, a pesar del barro, de carniceros, achuradores y curiosos, quienes recibieron con grandes vociferaciones y palmoteos los cincuenta novillos destinados al matadero.

—Chica, pero gorda —exclamaban—. ¡Viva la Federación! ¡Viva el Restaurador!

Porque han de saber los lectores que en aquel tiempo la Federación estaba en todas partes, hasta entre las inmundicias del matadero y no había fiesta sin Restaurador como no hay sermón sin Agustín. Cuentan que al oír tan desaforados gritos las últimas ratas que agonizaban de hambre en sus cuevas, se reanimaron y echaron a correr desatentadas conociendo que volvían a aquellos lugares la acostumbrada alegría y la algazara precursora de abundancia.

El primer novillo que se mató fue todo entero de regalo al Restaurador, hombre muy amigo del asado. Una comisión de carniceros marchó a ofrecérselo a nombre de los federales del matadero, manifestándole in voce su agradecimiento por la acertada providencia del gobierno, su adhesión ilimitada al Restaurador y su odio entrañable a los salvajes unitarios, enemigos de Dios y de los hombres. El Restaurador contestó a la arenga reforzando sobre el mismo tema y concluyó la ceremonia con los correspondientes vivas y vociferaciones de los espectadores y actores. Es de creer que el Restaurador tuviese permiso especial de su Ilustrísima para no abstenerse de carne, porque siendo tan buen observador de las leyes, tan buen católico y tan acérrimo protector de la religión, no hubiera dado mal ejemplo aceptando semejante regalo en día santo.

Siguió la matanza, y en un cuarto de hora cuarenta y nueve novillos se hallan tendidos en la playa del matadero, desollados unos, los otros por desollar.

El espectáculo que ofrecía entonces era animado y pintoresco aunque reunía todo lo horriblemente feo, inundo y deforme de una pequeña clase proletaria peculiar del Río de la Plata. Pero para que el lector pueda percibirlo a un golpe de ojo, preciso es hacer un croquis de la localidad.

El Matadero de la Convalecencia o del Alto, sito en las quintas al sud de la ciudad, es una gran playa en forma rectangular colocada al extremo de dos calles, una de las cuales allí se termina y la otra se prolonga hacia el Este. Esta playa, con declive al sud, está cortada por un zanjón labrado por la corriente de las aguas pluviales, en cuyos bordes laterales se muestran innumerables cuevas de ratones y cuyo cauce recoge, en tiempo de lluvia, toda la sangrassa seca o reciente del matadero. En la junción del ángulo recto hacia el Oeste está lo que llaman la casilla, edificio bajo, de tres piezas de media agua con corredor al frente que da a la calle y palenque para atar caballos, a cuya espalda se notan varios corrales de palo a pique de ñandubay con sus fornidas puertas para encerrar el ganado.

Estos corrales son en tiempo de invierno un verdadero lodazal en el cual los animales apeñuscados se hunden hasta el encuentro y quedan como pegados y casi sin movimiento. En la casilla se hace la recaudación del impuesto de corrales, se cobran las multas por violación de reglamentos y se sienta el Juez del matadero, personaje importante, caudillo de los carniceros y que ejerce la suma del poder en aquella pequeña república por delegación del Restaurador. Fácil es calcular qué clase de hombre se requiere para el desempeño de semejante cargo. La casilla por otra parte, es un edificio tan ruín y pequeño que nadie lo notaría en los corrales a no estar asociado su nombre al del terrible Juez y a no resaltar sobre su blanca cintura los siguientes letreros rojos: «Viva la Federación», «Viva el Restaurador y la heroína doña Encarnación Ezcurra», «Mueran los salvajes unitarios». Letreros muy significativos, símbolo de la fe política y religiosa de la gente del matadero. Pero algunos lectores no sabrán que la tal heroína es la difunta esposa del Restaurador, patrona muy querida de los carniceros, quienes, ya muerta, la veneraban como viva por sus virtudes cristianas y su federal heroísmo en la revolución contra Balcarce. Es el caso que en un aniversario de aquella memorable hazaña de la mazorca, los carniceros festejaron con un espléndido banquete en la casilla a la heroína, banquete al que concurrió con su hija y otras señoras federales, y que allí, en presencia de un gran concurso, ofreció a los señores carniceros en un solemne brindis su federal patrocinio, por cuyo motivo ellos la proclamaron entusiasmados patrona del matadero, estampando su nombre en las paredes de la casilla donde se estará hasta que lo borre la mano del tiempo.

La perspectiva del matadero a la distancia era grotesca, llena de animación. Cuarenta y nueve reses estaban tendidas sobre sus cueros y cerca de doscientas personas hollaban aquel suelo de lodo regado con la sangre de sus arterias. En torno de cada res resaltaba un grupo de figuras humanas de tez y raza distintas. La figura más prominente de cada grupo era el carnicero con el cuchillo en mano, brazo y pecho desnudos, cabello

largo y revuelto, camisa y chiripá y rostro embadurnado de sangre. A sus espaldas se rebullían, caracoleando y siguiendo los movimientos, una comparsa de muchachos, de negras y mulatas achuradoras, cuya fealdad trasuntaba las arpías de la fábula, y, entremezclados con ella, algunos enormes mastines, olfateaban, gruñían o se daban de tarascones por la presa. Cuarenta y tantas carretas, toldadas con negruzco y pelado cuero, se escalonaban irregularmente a lo largo de la playa, y algunos jinetes con el poncho calado y el lazo prendido al tiento, cruzaban por entre ellas al tranco o reclinados sobre el pescuezo de los caballos, echaban ojo indolente sobre uno de aquellos animados grupos, al paso que más arriba, en el aire, un enjambre de gaviotas blanquiazules, que habían vuelto de la emigración al olor de carne, revoloteaban cubriendo con su disonante graznido todos los ruidos y voces del matadero y proyectando una sombra clara sobre aquel campo de horrible carnicería. Esto se notaba al principio de la matanza.

Pero a medida que adelantaba, la perspectiva variaba; los grupos se deshacían, venían a formarse tomando diversas actitudes y se desparramaban corriendo como si en medio de ellos cayese alguna bala perdida o asomase la quijada de algún encolerizado mastín. Esto era que, ínter el carnicero en un grupo descuartizaba a golpe de hacha, colgaba en otro los cuartos en los ganchos a su carreta, despellejaba en éste, sacaba el sebo en aquél, de entre la chusma, que ojeaba y aguardaba la presa de achura, salía de cuando en cuando una mugrienta mano a dar un tarazón con el cuchillo al sebo o a los cuartos de la res, lo que originaba gritos y explosión de cólera del carnicero y el continuo hervidero de los grupos, dichos y gritería descompasada de los muchachos.

—Ahí se mete el sebo en las tetas, la tía —gritaba uno.

—Aquél lo escondió en el alzapón —replicaba la negra.

—¡Che!, negra bruja, salí de aquí antes que te pegue un tajo —exclamaba el carnicero.

—¿Qué le hago, ño Juan? ¡No sea malo! Yo no quiero sino la panza y las tripas.

—Son para esa bruja: a la m... —¡A la bruja! ¡A la bruja! —repitieron los muchachos—: ¡se lleva la riñonada y el tongorí! —y cayeron sobre su cabeza sendos cuajos de sangre y tremendas pelotas de barro.

Hacia otra parte, entre tanto, dos africanas llevaban arrastrando las entrañas de un animal; allá una mulata se alejaba con un ovillo de tripas y resbalando de repente sobre un charco de sangre, caía a plomo, cubriendo con su cuerpo la codiciada presa. Acullá se veían acurrucadas en hilera cuatrocientas negras destejiendo sobre las faldas el ovillo y arrancando uno a uno los sebitos que el avaro cuchillo del carnicero había dejado en la tripa como rezagados, al paso que otras vaciaban panzas y vejigas y las henchían de aire de sus pulmones para depositar en ellas, luego de secas, la achura.

Varios muchachos, gambeteando a pie y a caballo, se daban de vejigazos o se tiraban bolas de carne, desparramando con ellas y su algazara la nube de gaviotas que columpiándose en el aire celebraba chillando la matanza. Oíanse a menudo, a pesar del veto del Restaurador y de la santidad del día, palabras inmundas y obscenas, vociferaciones preñadas de todo el cinismo bestial que caracteriza a la chusma de nuestros mataderos, con las cuales no quiero regalar a los lectores.

De repente caía un bofe sangriento sobre la cabeza de alguno, que de allí pasaba a la de otro, hasta que algún deforme mastín lo hacía buena presa, y una cuadrilla de otros, por si estrujo o no estrujo, armaba una tremenda de gruñidos y mordiscones. Alguna tía vieja salía furiosa en persecución de un muchacho que le había embadurnado el rostro con sangre, y, acudiendo a sus gritos y puteadas, los compañeros del rapaz la rodeaban y azuzaban como los perros al toro y llovían sobre ella zoquetes de carne, bolas de estiércol, con groseras carcajadas y gritos frecuentes, hasta que el Juez mandaba restablecer el orden y despejar el campo.

Por un lado, dos muchachos se adiestraban en el manejo del cuchillo tirándose horrendos tajos y reveses; por otro, cuatro, ya adolescentes, ventilaban a cuchilladas el derecho a una tripa gorda y un mondongo que habían robado a un carnicero; y no de ellos distante, porción de perros, flacos ya de la forzosa abstinencia, empleaban el mismo medio para saber quién se llevaría un hígado envuelto en barro. Simulacro en pequeño era este del modo bárbaro con que se ventilan en nuestro país las cuestiones y los derechos individuales y sociales. En fin, la escena que se representaba en el matadero era para vista, no para escrita.

Un animal había quedado en los corrales, de corta y ancha cerviz, de mirar fiero, sobre cuyos órganos genitales no estaban conformes los pareceres porque tenía apariencias de toro y de novillo. Llególe su hora. Dos enlazadores a caballo penetraron al corral en cuyo contorno hervía la chusca a pie, a caballo y horquetada sobre sus ñudosos palos. Formaban en la puerta el más grotesco y sobresaliente grupo varios pialadores y enlazadores de a pie con el brazo desnudo y armados del certero lazo, la cabeza cubierta con un pañuelo punzó y chaleco y chiripá colorado, teniendo a sus espaldas varios jinetes y espectadores de ojo escrutador y anhelante.

El animal prendido ya al lazo por las astas, bramaba echando espuma furibundo y no había demonio que lo hiciera salir del pegajoso barro donde estaba como clavado y era imposible pialarlo. Gritábanlo, lo azuzaban en vano con las mantas y pañuelos los muchachos prendidos sobre las horquetas del corral, y era de oír la disonante batahola de silbidos, palmadas y voces triples y roncadas que se desprendía de aquella singular orquesta.

Los dicharachos, las exclamaciones chistosas y obscenas rodaban de boca en boca y cada cual hacía alarde espontáneamente de su ingenio y de su agudeza excitado por el espectáculo o picado por el aguijón de alguna lengua locuaz.

—Hi de p... en el toro.

—Al diablo los torunos del Azul.

—Mal haya el tropero que nos da gato por liebre.

—Si es novillo.

—¿No está viendo que es toro viejo?

—Como toro le ha de quedar. ¡Muéstreme los c..., si le parece, c...o!

—Ahí los tiene entre las piernas. No los ve, amigo, más grandes que la cabeza de su castaño; ¿o se ha quedado ciego en el camino?

—Su madre sería la ciega, pues que tal hijo ha parido. ¿No ve que todo ese bulto es barro?

—Es emperrado y arisco como un unitario.

Y al oír esta mágica palabra todos a una voz exclamaron:

—¡Mueran los salvajes unitarios!

—Para el tuerto los h...

—Sí, para el tuerto, que es hombre de c... para pelear con los unitarios.

—El matahambre a Matasiete, degollador de unitarios. ¡Viva Matasiete!

—¡A Matasiete el matahambre!

—Allá va, gritó una voz ronca interrumpiendo aquellos desahogos de la cobardía feroz—. ¡Allá va el toro! —¡Alerta! ¡Guarda los de la puerta! ¡Allá va furioso como un demonio!

Y, en efecto, el animal acosado por los gritos y sobre todo por dos picanas agudas que le espoleaban la cola, sintiendo flojo el lazo, arremetió bufando a la puerta, lanzando a entrambos lados una rojiza y fosfórica mirada. Dióle el tirón el enlazador sentando su caballo, desprendió el lazo de la asta, crujió por el aire un áspero zumbido y al mismo tiempo se vio rodar desde lo alto de una horqueta del corral, como si un golpe de hacha la hubiese dividido a cercén, una cabeza de niño cuyo tronco permaneció inmóvil sobre su caballo de palo, lanzando por cada arteria un largo chorro de sangre.

—Se cortó el lazo —gritaron unos—: allá va el toro —pero otros deslumbrados y atónitos guardaron silencio porque todo fue como un relámpago.

Desparramóse un tanto el grupo de la puerta. Una parte se agolpó sobre la cabeza y el cadáver palpitante del muchacho degollado por el lazo, manifestando horror en su atónito semblante, y la otra parte, compuesta de jinetes que no vieron la catástrofe, se

escurrió en distintas direcciones en pos del toro, vociferando y gritando: —¡Allá va el toro! ¡Atajen! ¡Guarda! ¡Enlaza, Siete pelos! ¡Que te agarra, Botija! ¡Va furioso; no se le pongan delante! ¡Ataja, ataja Morado! ¡Déle espuela al mancarrón! ¡Ya se metió en la calle sola! ¡Que lo ataje el diablo!

El tropel y vocería era infernal. Unas cuantas negras achuradoras sentadas en hilera al borde del zanjón oyendo el tumulto se acogieron y agazaparon entre las panzas y tripas que desenredaban y devanaban con la paciencia de Penélope, lo que sin duda las salvó, porque el animal lanzó al mirarlas un bufido aterrador, dió un brinco sesgado y siguió adelante perseguido por los jinetes. Cuentan que una de ellas se fue de cámaras; otra rezó diez salves en dos minutos, y dos prometieron a San Benito no volver jamás a aquellos malditos corrales y abandonar el oficio de achuradoras. No se sabe si cumplieron la promesa.

El toro, entre tanto, tomó hacia la ciudad por una larga y angosta calle que parte de la punta más aguda del rectángulo anteriormente descrito, calle encerrada por una zanja y un cerco de tunas, que llaman sola por no tener más de dos casas laterales y en cuyo apozado centro había un profundo pantano que tomaba de zanja a zanja. Cierta vez, de vuelta de su saladero, vadeaba este pantano a la sazón, paso a paso, en un caballo algo arisco, y sin duda iba tan absorto en sus cálculos que no oyó el tropel de jinetes ni la gritería sino cuando el toro arremetía al pantano. Azoróse de repente su caballo dando un brinco al sesgo y echó a correr dejando al pobre hombre hundido media vara en el fango. Este accidente, sin embargo, no detuvo ni refrenó la carrera de los perseguidores del toro, antes al contrario, soltando carcajadas sarcásticas: —Se amoló el gringo; levántate, gringo —exclamaron, y, cruzando el pantano, amasaron con barro bajo las patas de sus caballos su miserable cuerpo. Salió el gringo, como pudo, después, a la orilla, más con la apariencia de un demonio tostado por las llamas del infierno que de un hombre blanco pelirrojo. Más adelante al grito de: ¡Al toro! ¡Al toro!, cuatro negras achuradoras que se retiraban con su presa se zambulleron en la zanja llena de agua, único refugio que les quedaba.

El animal, entre tanto, después de haber corrido unas veinte cuabras en distintas direcciones, azorando con su presencia a todo viviente, se metió por la tranquera de una quinta donde halló su perdición. Aunque cansado, manifestaba bríos y colérico ceño; pero rodeábalo una zanja profunda y un tupido cerco de pitas, y no había escape. Juntáronse luego sus perseguidores que se hallaban desbandados y resolvieron llevarlo en un señuelo de bueyes para que expiase su atentado en el lugar mismo donde lo había cometido.

Una hora después de su fuga el toro estaba otra vez en el matadero, donde la poca chusma que había quedado no hablaba sino de sus fechorías. La aventura del gringo en el

pantano excitaba principalmente la risa y el sarcasmo. Del niño degollado por el lazo no quedaba sino un charco de sangre: su cadáver estaba en el cementerio.

Enlazaron muy luego por las astas al animal que brincaba haciendo hincapié y lanzando roncros bramidos. Echáronle, uno, dos, tres piales; pero infructuosos: al cuarto quedó prendido de una pata; su brío y su furia redoblaron; su lengua, estirándose convulsiva, arrojaba espuma, su nariz, humo, sus ojos, miradas encendidas —¡Desjarreten ese animal!, exclamó una voz imperiosa. Matasiete se tiró al punto del caballo, cortóle el garrón de una cuchillada y gambeteando en torno de él con su enorme daga en mano, se la hundió al cabo hasta el puño en la garganta mostrándola en seguida humeante y roja a los espectadores. Brotó un torrente de la herida, exhaló algunos bramidos roncros, vaciló y cayó el soberbio animal entre los gritos de la chusma que proclamaba a Matasiete vencedor y le adjudicaba en premio el matambre. Matasiete extendió, como orgulloso, por segunda vez el brazo y el cuchillo ensangrentado y se agachó a desollarlo con otros compañeros.

Faltaba que resolver la duda sobre los órganos genitales del muerto clasificado provisoriamente de toro por su indomable fiereza; pero estaban todos tan fatigados de la larga tarea que la echaron por lo pronto en olvido. Mas de repente una voz ruda exclamó: —Aquí están los huevos —sacando de la barriga del animal y mostrando a los espectadores dos enormes testículos, signo inequívoco de su dignidad de toro. La risa y la charla fue grande; todos los incidentes desgraciados pudieron fácilmente explicarse. Un toro en el matadero era cosa muy rara, y aun vedada. Aquél, según reglas de buena policía, debió arrojarse a los perros; pero había tanta escasez de carne y tantos hambrientos en la población, que el señor Juez tuvo a bien hacer ojo lerdo.

En dos por tres estuvo desollado, descuartizado y colgado en la carreta el maldito toro. Matasiete colocó el matambre bajo el pellón de su recado y se preparaba a partir. La matanza estaba concluida a las doce, y la poca chusma que había presenciado hasta el fin, se retiraba en grupos de a pie y de a caballo, o tirando a la cincha algunas carretas cargadas de carne.

Mas de repente la ronca voz de un carnicero gritó:

—¡Allí viene un unitario!

Y al oír tan significativa palabra toda aquella chusma se detuvo como herida de una impresión subitánea.

—¿No le ven la patilla en forma de U? No trae divisa en el fraque ni luto en el sombrero.

—Perro unitario.

—Es un cajetilla.

- Monta en silla como los gringos.
- La mazorca con él.
- ¡La tijera!
- Es preciso sobarlo.
- Trae pistoleras por pintar.
- Todos estos cajetillas unitarios son pintores como el diablo.
- ¿A que no te le animas, Matasiete?
- ¿A que no?
- A que sí.

Matasiete era hombre de pocas palabras y de mucha acción. Tratándose de violencia, de agilidad, de destreza en el hacha, el cuchillo o el caballo, no hablaba y obraba. Lo habían picado: prendió la espuela a su caballo y se lanzó a brida suelta al encuentro del unitario.

Era este un joven como de veinticinco años, de gallarda y bien apuesta persona, que mientras salían en borbotón de aquellas desaforadas bocas las anteriores exclamaciones trotaba hacia Barracas, muy ajeno de temer peligro alguno. Notando, empero, las significativas miradas de aquel grupo de dogos de matadero, echa maquinalmente la diestra sobre las pistoleras de su silla inglesa, cuando una pechada al sesgo del caballo de Matasiete lo arroja de los lomos del suyo tendiéndolo a la distancia boca arriba y sin movimiento alguno.

—¡Viva Matasiete! —exclamó toda aquella chusma cayendo en tropel sobre la víctima como los caranchos rapaces sobre la osamenta de un buey devorado por el tigre.

Atolondrado todavía, el joven fue, lanzando una mirada de fuego sobre aquellos hombres feroces, hacia su caballo que permanecía inmóvil no muy distante, a buscar en sus pistolas el desagravio y la venganza. Matasiete dando un salto le salió al encuentro y con fornido brazo asiéndolo de la corbata lo tendió en el suelo tirando al mismo tiempo la daga de la cintura y llevándola a su garganta.

Una tremenda carcajada y un nuevo viva estertóreo volvió a vitorearlo.

¡Qué nobleza de alma! ¡Qué bravura en los federales!, siempre en pandilla cayendo como buitres sobre la víctima inerte.

- Degüéllalo, Matasiete —quiso sacar las pistolas—. Degüéllalo como al toro.
- Pícaro unitario. Es preciso tusarlo.
- Tiene buen pescuezo para el violín.
- Tócale el violín.
- Mejor es la resbalosa.

—Probemos —dijo Matasiete, y empezó sonriendo a pasar el filo de su daga por la garganta del caído, mientras con la rodilla izquierda le comprimía el pecho y con la siniestra mano le sujetaba por los cabellos.

—No, no le degüellen —exclamó de lejos la voz imponente del Juez del matadero, que se acercaba a caballo.

—A la casilla con él, a la casilla. Preparen la mashorca y las tijeras. ¡Mueran los salvajes unitarios! ¡Viva el Restaurador de las leyes!

—Viva Matasiete.

¡Mueran! ¡Vivan! —repitieron en coro los espectadores y atándole codo con codo, entre moquetes y tirones, entre vociferaciones e injurias, arrastraron al infeliz joven al banco del tormento como los sayones al Cristo.

La sala de la casilla tenía en su centro una grande y fornida mesa de la cual no salían los vasos de bebida y los naipes sino para dar lugar a las ejecuciones y torturas de los sayones federales del matadero. Notábase, además, en un rincón, otra mesa chica con recado de escribir y un cuaderno de apuntes y porción de sillas entre las que resaltaba un sillón de brazos destinado para el Juez. Un hombre, soldado en apariencia, sentado en una de ellas, cantaba al son de la guitarra la resbalosa, tonada de inmensa popularidad entre los federales, cuando la chusma, llegando en tropel al corredor de la casilla, lanzó a empellones al joven unitario hacia el centro de la sala.

—A ti te toca la resbalosa —gritó uno.

—Encomienda tu alma al diablo.

—Está furioso como toro montaraz.

—Ya le amansará el palo.

—Es preciso sobarlo.

—Por ahora verga y tijera.

—Si no, la vela.

—Mejor será la mazorca.

—Silencio y sentarse —exclamó el Juez dejándose caer sobre su sillón. Todos obedecieron, mientras el joven, de pie, encarando al Juez, exclamó con voz preñada de indignación:

—Infames sayones, ¿qué intentan hacer de mí?

—¡Calma! —dijo sonriendo el Juez—; no hay que encolerizarse. Ya lo verás.

El joven, en efecto, estaba fuera de sí de cólera. Todo su cuerpo parecía estar en convulsión: su pálido y amoratado rostro, su voz, su labio trémulo, mostraban el movimiento convulsivo de su corazón, la agitación de sus nervios. Sus ojos de fuego parecían

salirse de la órbita, su negro y lacio cabello se levantaba erizado. Su cuello desnudo y la pechera de su camisa dejaban entrever el latido violento de sus arterias y la respiración anhelante de sus pulmones.

—¿Tiemblas? —le dijo el Juez.

—De rabia, por que no puedo sofocarte entre mis brazos.

—¿Tendrías fuerza y valor para eso?

—Tengo de sobra voluntad y coraje para ti, infame.

—A ver las tijeras de tusar mi caballo; túsenlo a la federala.

Dos hombres le asieron, uno de la ligadura del brazo, otro de la cabeza, y en un minuto cortáronle la patilla que poblaba toda su barba por bajo, con risa estrepitosa de sus espectadores.

—A ver —dijo el Juez—, un vaso de agua para que se refresque.

—Uno de hiel te haría yo beber, infame.

Un negro petizo púsosele al punto delante con un vaso de agua en la mano. Dióle el joven un puntapié en el brazo y el vaso fue a estrellarse en el techo, salpicando el asombrado rostro de los espectadores.

—Éste es incorregible.

—Ya lo domaremos.

—Silencio —dijo el Juez—, ya estás afeitado a la federala, sólo te falta el bigote. Cuidado con olvidarlo. Ahora vamos a cuentas.

—¿Por qué no traes divisa?

—Porque no quiero.

—¿No sabes que lo manda el Restaurador?

—La librea es para vosotros, esclavos, no para los hombres libres.

—A los libres se les hace llevar a la fuerza.

—Sí, la fuerza y la violencia bestial. Esas son vuestras armas, infames. El lobo, el tigre, la pantera también son fuertes como vosotros. Deberíais andar como ellos, en cuatro patas.

—¿No temes que el tigre te despedace?

—Lo prefiero a que, maniatado, me arranquen como el cuervo, una a una las entrañas.

—¿Por qué no llevas luto en el sombrero por la heroína?

—¡Porque lo llevo en el corazón por la Patria, por la Patria que vosotros habéis asesinado, ¡infames!

—¿No sabes que así lo dispuso el Restaurador?

—Lo dispusisteis vosotros, esclavos, para lisonjear el orgullo de vuestro señor y tributarle vasallaje infame.

—¡Insolente!, te has embravecido mucho. Te haré cortar la lengua si chistas.

—Abajo los calzones a ese mentecato cajetilla y a nalga pelada denle verga, bien atado sobre la mesa.

Apenas articuló esto el Juez, cuatro sayones salpicados de sangre, suspendieron al joven y lo tendieron largo a largo sobre la mesa comprimiéndole todos sus miembros.

—Primero degollarme que desnudarme; infame canalla.

Atáronle un pañuelo por la boca y empezaron a tironear sus vestidos. Encogíase el joven, pateaba, hacía rechinar los dientes. Tomaban ora sus miembros la flexibilidad del junco, ora la dureza del fierro y su espina dorsal era el eje de un movimiento parecido al de la serpiente. Gotas de sudor fluían por su rostro grandes como perlas; echaban fuego sus pupilas, su boca espuma, y las venas de su cuello y frente negreaban en relieve sobre su blanco cutis como si estuvieran repletas de sangre.

—Átenlo primero –exclamó el Juez.

—Está rugiendo de rabia –articuló un sayón.

En un momento liaron sus piernas en ángulo a los cuatro pies de la mesa volcando su cuerpo boca abajo. Era preciso hacer igual operación con las manos, para lo cual soltaron las ataduras que las comprimían en la espalda. Sintiéndolas libres el joven, por un movimiento brusco en el cual pareció agotarse toda su fuerza y vitalidad, se incorporó primero sobre sus brazos, después sobre sus rodillas y se desplomó al momento murmurando:

— Primero degollarme que desnudarme, infame canalla.

Sus fuerzas se habían agotado; inmediatamente quedó atado en cruz y empezaron la obra de desnudarlo. Entonces un torrente de sangre brotó borbolloneando de la boca y las narices del joven, y extendiéndose empezó a caer a chorros por entrambos lados de la mesa. Los sayones quedaron inmóviles y los espectadores estupefactos.

—Reventó de rabia el salvaje unitario –dijo uno.

—Tenía un río de sangre en las venas –articuló otro.

—Pobre diablo: queríamos únicamente divertirnos con él y tomó la cosa demasiado a lo serio –exclamó el Juez frunciendo el ceño de tigre. –Es preciso dar parte, desátenlo y vamos.

Verificaron la orden; echaron llave a la puerta y en un momento se escurrió la chusma en pos del caballo del Juez cabizbajo y taciturno.

Los federales habían dado fin a una de sus innumerables proezas. En aquel tiempo los carniceros degolladores del matadero eran los apóstoles que propagaban a verga y

puñal la federación rosina, y no es difícil imaginarse qué federación saldría de sus cabezas y cuchillas. Llamaban ellos salvaje unitario, conforme a la jerga inventada por el Restaurador, patrón de la cofradía, a todo el que no era degollador, carnicero, ni salvaje, ni ladrón; a todo hombre decente y de corazón bien puesto, a todo patriota ilustrado amigo de las luces y de la libertad; y por el suceso anterior puede verse a las claras que el foco de la federación estaba en el matadero.

REFERÊNCIA

Echeverría, Esteban. El Matadero. Instituto Distrital de las Artes (**IDARTES**). Primeira edição: Bogotá, out. 2015.

